

**MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA**  
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

**Série: “Mundo na sala de aula”, Segunda Temporada**  
**Episódio 18 – Lembrar para nunca mais acontecer**

Transcrição: Janaína Aleixo (Unicamp)  
Revisão da transcrição: Soraya Fleischer (UnB)

**Legendas**

**Blocos**

**Sonoplastia**

**ABERTURA**

**Música de abertura: Mudernage - Ellen Oléria**

**Melissa:** Oi gente! Está começando mais um episódio da segunda temporada da série Mundo na Sala de Aula. Essa série que está linda demais e que é produzida inteiramente por nós, estudantes que participamos da equipe do Mundaréu. E nessa segunda temporada temos conversado com colegas nossos que se graduaram recentemente na antropologia.

**Hugo:** Convidamos antropólogos que defenderam suas monografias nos anos de 2020 e 2021, para nos contar um pouco sobre o tema, os resultados, a pesquisa de campo, a escrita, os desafios e as histórias dessa experiência tão importante na nossa formação. Bom, são TCCs da UnB e da Unicamp, já que o Mundaréu e o Mundo na sala de aula são fruto de uma parceria entre estas duas universidades.

**Melissa:** Pois é, e a ideia de trazer essa galera pra conversar com a gente ela veio justamente de, para além de aprender com e conhecer uma antropologia produzida por estudantes, que nem sempre é uma produção valorizada, foi uma ideia que veio da possibilidade de uma aprendizagem, de uma inspiração com esses processos, né, vividos por outros estudantes. Mas enfim, eu sou a Melissa, eu sou estudante de licenciatura e bacharelado em antropologia na UNB.

**Hugo:** Eu sou Hugo Virgílio, aluno de antropologia na Universidade Federal Fluminense. Pra quem não me conhece, eu fiz mobilidade acadêmica na UNB no ano passado e comecei a participar do Mundaréu desde então. Hoje vamos estar aqui com a Vic. Cê se apresenta pro pessoal que tá ouvindo a gente?

**Victória:** Meu nome é Victória Smith. Eu me graduei em antropologia na UnB e o tema do meu TCC foi “Memória, Verdade e Justiça: o estado brasileiro e as violações de direitos humanos cometidas entre 1968 e 1979.”

**Música de transição**

**BLOCO ÚNICO (Entrevista, perguntas e respostas)**

**Melissa:** Então é isso gente, hoje a gente vai tá falando desse tema que eu pessoalmente acho de uma importância gigante, principalmente no momento que estamos vivendo. E já adianto um agradecimento enorme a Vic por ter se engajado nessa pesquisa tão importante e de um tema que acredito que não deve ter sido fácil estudar né.

**Hugo:** Vic, então pra gente começar, você mencionou que sua pesquisa foi uma relação à violação dos direitos humanos entre 1968 e 1979. Você conta pra gente um pouco sobre a escolha desse tema e desse período em questão?

**Victória:** Eu escolhi essa data e esse período de tempo especificamente, porque eu quis pesquisar sobre como foi o ofício da tortura entre o AI-5, que foi instaurado em 1968, Ato Institucional número 5 e a Lei de anistia que foi promulgada em 1979. E eu escolhi esse período em questão porque eu acredito que tenha sido o período mais ferrenho da ditadura militar, uma fase da ditadura militar que precisa muito ser investigada assim, que precisa ser colocado um dedo nessa ferida mesmo. Então eu pesquisei especificamente sobre tortura. No meu primeiro capítulo eu falei sobre os métodos, quem participava, qual foi a participação do estado brasileiro nisso tudo. No meu segundo capítulo eu escrevi especificamente sobre o caso Herzog. O motivo para isso foi o fato de que o Herzog foi um acontecimento assim na história brasileira que mudou totalmente os rumos da redemocratização. Depois da morte dele muita coisa aconteceu que foi crucial para o período de redemocratização do país. E no meu terceiro capítulo eu comecei a escrever sobre o processo da Lei de anistia, a construção da memória, que é algo muito necessário assim em processos de redemocratização, e eu discorri muito sobre a forma com que a Lei da Anistia apaziguou muitos acontecimentos terríveis, quais foram as pessoas que puderam voltar do exílio e quais continuaram presas, então o tema do meu TCC foi justamente isso.

**Melissa:** Só pra situar rapidinho gente, o Herzog, pra quem não sabe, foi um jornalista e militante dos direitos humanos bem conhecido, e que foi torturado e assassinado durante a ditadura.

**Hugo:** Nossa Vic, eu achei muito interessante a forma como você aborda a questão da memória.

**Melissa:** Também achei muito massa, você fala um pouco mais pra gente Vic sobre isso?

**Victória:** Quando eu precisei escrever o capítulo 3, que foi sobre anistia, memória e esquecimento, eu preciso ler muito sobre memória, então uma coisa que eu aprendi muito é o tanto que o processo de anistia fez com que esse processo de esquecimento fosse forçado. Então todas as coisas horríveis e horrendas que aconteceram durante a ditadura militar foram propositalmente esquecidas para que não surgissem possíveis rancores futuramente. E um povo que não conhece sua história está condenado a repeti-la né, isso é fato. Eu acho que esse foi o maior aprendizado que eu tive no meu TCC assim. Tipo uma coisa que eu aprendi estudando história do Brasil, especificamente na ditadura militar, é que a gente nunca aprendeu nada com a história assim. Então eu acho que muitas das coisas que acontecem hoje em dia assim, o fato de a gente nunca ter tido esse estímulo em relação a memória, não só fez com que a gente elegeisse um presidente como Bolsonaro, como também faz com que muitas pessoas que já cometeram erros gravíssimos assim na política, coisas tenebrosas, ainda atuem, ainda recebam um palco, ainda existam nesses ambientes políticos, porque a gente tem uma construção histórica mesmo de apagamento assim. É, essa questão de memória coletiva não é

tratada no Brasil. Eu tenho sentimentos muito ambíguos assim em relação a anistia justamente por conta disso, porque é um esquecimento forçado. E a anistia, a tradução dessa palavra a partir da origem grega dela é esquecimento, é isso que significa.

**Melissa:** E eu imagino que esse processo de escavar a história do Brasil em busca de suas memórias, das nossas memórias...

**Hugo:** E no caso do seu TCC de memórias tão violentas né.

**Melissa:** Pois é! Eu imagino que deve ter sido difícil demais e doloroso esse processo.

**Victória:** O desafio significativo assim mais forte que eu tive escrevendo meu TCC foi ter estômago mesmo para ler sobre como as pessoas eram torturadas, quais eram os tipos de tortura, quem eram as pessoas que torturavam, o tanto que muitas pessoas encontraram, muitas pessoas que eram torturadoras, se encontraram nesse ofício da tortura. Uma realização pessoal, profissional que elas não encontraram em processos burocráticos. Eu acho que isso foi o mais difícil para mim assim de o fato de muitas pessoas terem encontrado ofício, é, prazer no ofício de torturar outra pessoa. Isso para mim foi perturbador assim, porque eu acho que existe esse imaginário coletivo de que torturadores são monstros, que são pessoas que vivem escondidas, mas não é isso, assim, torturadores são pais de família, são delegados, são médicos que atuam examinando pessoas que foram torturadas para saber o quão torturadas elas conseguem ser mais, assim, são enfermeiras, são médicos legistas que falsificavam atestados de óbito para não mostrar que essas pessoas morreram sob tortura. O ofício da tortura na ditadura militar, especificamente, um pouco, de certa forma muito diferente do que foi a tortura no estado novo, ela recebeu muito investimento empresarial e muito investimento estatal também. Então eu acho que o maior desafio para mim foi ter estômago mesmo assim para ler tudo isso e para chegar no momento de escrever sobre memória e perceber que aquilo foi propositalmente esquecido, assim para não revirar essa ferida, para que não surgissem possíveis rancores. E o rancor tem uma função social muito grande assim, muito grande mesmo, é muito importante e historicamente a gente não teve isso assim. E enfim, para mim foi muito difícil lidar com tudo isso, lidar com os depoimentos de mães com filhos desaparecidos, lidar com depoimentos de pessoas que foram torturadas, escutar essas coisas, assistir essas coisas, ler essas coisas é muito doloroso assim. **E eu não tenho ninguém na minha família diretamente envolvido nisso mas eu acabei me envolvendo muito na pesquisa, acho que não tem como não se envolver e esse foi meu maior desafio assim, foi ter estômago para lidar com tudo isso e processar e viver a minha vida com todas essas informações na minha mente.**

### **Música de fundo**

**Mel:** E como foi feita a sua pesquisa? Que materiais arquivísticos você usou?

**Victória:** Então, o maior foco da minha pesquisa foi leitura bibliográfica assim intensamente, eu li muito e eu fiz muita pesquisa documental também, de documentos que são disponibilizados online. No site da Comissão Nacional da Verdade e na Comissão Anísio Teixeira e na Comissão Rubens Paiva também. Eu usei muito esses três sites e todos os documentos que eles tinham, principalmente as transcrições das entrevistas que a Comissão, que as Comissões fizeram. Então, o que eu mais usei de

material para a minha pesquisa foi muita leitura e muita análise de documentos que foram disponibilizados nos sites das Comissões da Verdade. Eu não cheguei tipo a realizar entrevistas, a ver documentos físicos, porque as sedes não tem aqui em Brasília. Então a minha pesquisa foi estritamente documental e bibliográfica assim, de materiais que eu encontrei online.

**Melissa:** Pois é, Hugo, eu acho que uma coisa que foi propositalmente esquecida tem um motivo pra isso, né. Existe não só um motivo e pessoas que não querem que isso seja revirado. Então eu acho que exige muita coragem enorme fazer esse trabalho de como a Vic mesmo disse pôr o dedo na ferida. E outra coisa que acho muito interessante da gente pontuar sobre esse processo é que a pesquisa da Vic foi estritamente documental né?

**Hugo:** Sim! E é legal porque isso ajuda a gente a entender a construção do fazer antropológico, como a gente pode fazer perguntas e procurar respostas em documentos.

**Melissa:** E como é múltiplo esse universo, né? Ouvindo a Vic falar a gente vê que mesmo não fazendo pesquisa com documentos físicos, ela encontrou muita coisa online.

**Hugo:** Exato, e quando a gente pensa em pesquisas que tenham como foco a análise de documentos, a gente pode incluir aí também as muitas formas em que os documentos podem aparecer, escritos, em áudio, em vídeo...

**Melissa:** E como, assim como uma antropóloga que faz pesquisa com pessoas físicas se envolve com o universo de suas interlocutoras, como o mundaréu vem mostrando pra gente, mexer com documentos também cria um envolvimento muito grande com o universo que estudamos, mexe com a gente.

**Hugo:** E até de uma maneira física, né? Que acho que é um pouco o que a Vic mostra pra gente quando ela diz que precisou ter estômago pra realizar a pesquisa dela.

**Melissa:** Uhum. E uma última coisa que queria pontuar é como essa discussão sobre pesquisas documentais ganhou muita força nesse momento de pandemia. Muitas antropólogas viram seus planejamentos de ir em algum lugar fazer campo serem completamente impossibilitados pelo isolamento social. E isso gerou muito desespero, né?

**Hugo:** Sim e acho que isso tá muito ligado com essa criação de um imaginário da antropóloga como a pessoa que tem que ir viver em algum lugar pra ser interpelada pelo campo, principalmente na graduação. Nesse processo de escrever o TCC, a gente vê como muita gente acha que não vai estar fazendo um trabalho antropológico de verdade se não estiver lá em campo, com pessoas físicas.

**Melissa:** E acho isso muito ruim porque a gente precisa saber que a antropologia pode ser feita de muitas formas. Então que bom que a gente pode ouvir um pouco dos processos da Vic hoje aqui pra mostrar isso. Principalmente porque foi uma pesquisa realizada com os documentos que são disponibilizados online, que, agora nesse momento de pandemia, tem se mostrado um meio muito importante pra realização das nossas pesquisas. Bom, espero que esse episódio possa ter servido aí

tanto pra acalmar e ajudar quem está passando por esse processo de fazer a pesquisa do TCC agora na pandemia, quanto pra abrir o leque de possibilidades de pesquisa para momentos futuros também.

**Hugo:** E acho que é muito importante que a gente faça esse exercício de lembrar como os documentos são importantíssimos e também são agentes sociais. Podem construir verdades e escondê-las também.

**Melissa:** Ou ser nossa porta de acesso às memórias...

## **FECHAMENTO**

**Música: Mudernage - Ellen Oléria**

**Melissa:** É isso, gente, vamos terminando por aqui esse episódio, espero que vocês tenham gostado tanto quanto eu de ouvir sobre a pesquisa da Victória. Foi muito lindo conhecer esse processo e a gente só tem a agradecer a Vic por ter dividido um pouco dele com a gente.

**Hugo:** Sim! Queremos agradecer demais a Vic e a toda a equipe do Mundaréu em Brasília e em Campinas, especialmente a Soraya Fleischer e Daniela Manica pela coordenação deste projeto de pesquisa, ensino e divulgação científica. Pra quem quiser saber mais informações sobre o trabalho e outras coisas que a gente tiver conversado aqui no episódio, acessem a descrição ou acessem o nosso site [www.mundareu.labor.unicamp.br](http://www.mundareu.labor.unicamp.br)

**Melissa:** Tchau galera!! Até a próxima!

**Hugo:** Tchau, tchau! **[fim da música]**